

ARTIGOS

DESCOBERTAS NO DESERTO DA JUDÉIA.

(Os manuscritos do Mar Morto).

No ano de 1947 foram achados alguns manuscritos redigidos em hebraico, numa gruta do deserto da Judéia, próxima ao Mar Morto. A princípio não se lhes deu muita importância, mas, à medida que se verificava sua antigüidade e seu conteúdo, iam despertando o mais vivo interesse. Poucas descobertas ocasionaram em tão curto espaço de tempo bibliografia mais copiosa e apaixonada. Escreveram-se centenas de artigos; publicaram-se dezenas de livros e de monografias; fizeram-se conferências públicas; discutiu-se muito através de jornais e de revistas, envolvendo a eruditos da filologia, da exegese, da arqueologia e de outros ramos, na célebre “batalha dos rolos”, conforme a expressão de H. H. Rowley. E’ que êsses documentos, acrescidos depois por uma crescente messe de textos em pergaminho ou couro, moedas, objetos de cerâmica, e pela descoberta de velhas ruínas e bem assim de um antigo cemitério, projetaram novas luzes sôbre a história da Palestina no período que se estênde de meados do século II a. C. a meados do século II d. C., chamado de período intertestamentário (1). Alguns dêles permitiram conhecer melhor o ambiente em que se desenvolveram as seitas e os partidos pré-cristãos, sobretudo a dos essênios; outros, pelo seu teor religioso, estão a exigir uma reinterpretação da Bíblia. O Prof. Dupont-Sommer, catedrático da Sorbone, pretendendo relacionar o Cristianismo com aquela seita, provocou tremenda agitação. Já em se tratando da segunda revolta judaica, dirigida por Simão Barkosheba, contra os romanos (132-135 d. C.), a questão é pacífica ou quase pacífica, por se revestir o terreno de maior consistência.

I

A história das descobertas na região do Mar Morto.

Muitas regiões do globo mereceram a atenção dos pesquisadores de antigüidades, exceto a do Mar Morto. De fato, que

(1). — Intertestamentário é o período compreendido pelo tempo que medeia entre o Velho e o Novo Testamento, ou seja do ano 200 a. C. ao ano 100 d. C., em termos gerais.

se poderia tirar de local tão adverso, onde a vida dificilmente consegue vingar, de clima inóspito, de solo improdutivo e de baixa altitude — mais de 300 metros abaixo do nível do Mediterrâneo — que é o caso da depressão circunjacente ao referido mar? A não ser alguns eremitas do tipo de Banus, João Batista, e Jesus Cristo no início de seu ministério, quem se sentiria inclinado a buscá-lo? Por que, pois, fazer sondagens ali? Ninguém o pensava, se o acaso não viesse chamar o homem para certas realidades. E isto sucedeu em fevereiro ou março de 1947, quando beduinos da tribo dos ta'amireh apascentavam seus rebanhos na redondeza e tinham ido a Ain Feshka, na margem ocidental do grande lago salgado, e a uns 12 quilômetros ao sul de Jericó, onde havia a única fonte de água de que se podiam abastecer. Ou segundo outra versão, quando empreendiam o contrabando de lanígeros e de mercadorias. O certo é que, extraviando-se uma ovelha, o jovem Muhammadh-Dib, apelidado de "o lobo" (*al-dib*), saiu a procurá-la, na suposição de que caíra num fôssco ou fenda das falésias próximas. Encontrando uma cova, deixou desprender-se uma pedra, e pôs-se a escutar, tendo, em consequência, ouvido um som esquisito: parece que algo se havia quebrado. Que seria? Ato contínuo chamou um companheiro, descendo ambos à caverna. Depararam-se, então, com grandes jarros, intactos alguns, quebrados outros. Tais utensílios continham rolos, envoltos por telas de linho, revestidas por uma substância semelhante a alcatrão ou cêra. Abriram um dos rolos. As fôlhas ou placas estavam unidas por meio de costuras, formando longa peça. Tratava-se de estranho manuscrito redigido em caracteres que êles ignoravam. Certamente deviam ter valor, pensaram os dois beduinos, e, por isso, resolveram vender um lote a determinado mercador de Belém, burlando, para tanto, a vigilância da guarda aduaneira do Jordão. No entanto exigiram elevado preço: 20 libras, além do que o negociante não se sentia habilitado para avaliar a mercadoria, obstando a transação. Afinal, após uma série de ofertas, o arcebispo metropolitano da Igreja Ortodoxa Síria (Jacobita), Mar Athanasius Yeshue Samuel, residente no mosteiro de São Marcos, no Jerusalém Velho, se inteirou do negócio. Tendo visto um dos rolos, verificou achar-se escrito em hebraico, e se interessou pela aquisição de todo o lote, mas quando os beduinos retornaram dias depois com a mercadoria, o porteiro os despediu, ignorando o acôrdo feito por Mar Athanasius. Então êles venderam parte a certo judeu, residente na cidade nova, de Jerusalém. A outra ainda a conseguiu adquirir o metropolitano Samuel, através de um mer-

cador sírio. Instados a comprovarem a procedência dos rolos, os traficantes revelaram dias depois a um dos sacerdotes do mosteiro a cova onde os haviam encontrado. Restava, agora, descobrir o que diziam os rolos, pois o arcebispo sírio não sabia o hebraico. Também as circunstâncias eram pouco favoráveis à decifração, em vista da guerra entre judeus e árabes. A ONU determinara dividir o território entre os dois contendores. As fronteiras tornaram-se quase intransponíveis. Mas Samuel não descansou. Dirigiu-se à Escola Bíblica, dos dominicanos, no Velho Jerusalém; todavia, o Padre Rolando de Vaux, que o poderia ajudar, encontrava-se em Paris. No Departamento de Antiguidades, da Jordânia, sofreu igual desapontamento: o Sr. G. Lankaster Harding, estava fora. Avistou-se, porém, com o erudito holandês, Padre Van der Ploeg, da Escola Bíblica, recém-chegado, o qual, examinando um dos rolos, constatou ser o texto do Profeta Isaias, conclusão a que também chegaria o douto judeu, Tovia Wechsler, sem lhe darem maior importância. Mar Athanasius seria mais feliz na Escola Americana de Investigações Orientais, graças à atenção que lhe dispensaram dois jovens eruditos: o Dr. John C. Trever, diretor em exercício, e seu colega, Dr. William H. Brownlee. Estes não apenas confirmaram tratar-se do texto de Isaias, mas foram mais longe: comparando-o com a escrita do papiro Nash, considerado o mais velho manuscrito hebraico, concluíram que o de Isaias era tão antigo ou mais do que êle, descoberta de grande importância, já se vê, porquanto o mais remoto texto da Bíblia hebraica, chamado massorético, não vai além do século IX da era cristã. Estudos posteriores reforçaram o ponto de vista dos dois sábios. Dali a pouco, em virtude das condições reinantes, Samuel embarcava para os E. U. A., levando os rolos consigo.

Os rolos vendidos em Belém pelos beduinos, parte restante do lote, em número de quatro, comprou-os do mercador, junto com um punhado de fragmentos, em fins de 1947, o Prof. E. L. Sukenik, arqueólogo principal da Universidade Hebraica de Jerusalém, quando, também, veio a saber da existência dos outros em poder do metropolitano. Decorrido um ano, ou seja, em setembro de 1948, já informava à imprensa o conteúdo de seus preciosos manuscritos: o texto de um segundo exemplar de Isaias (B), a **Guerra dos filhos da Luz contra os filhos das Trevas**, os **Salmos de Ação de Graças da seita da Nova Aliança**, todos do século I ou II a. C., no seu entender. Quis adquirir os de Mar Athanasius Yeshue Samuel, porém êste já havia decidido embarcar-se com os mesmos para a América, como realmente sucedeu, em princípio de 1949. Nos Es-

tados Unidos, com certeza, os documentos lhe proporcionariam maiores vantagens. E, uma vez chegado, ali, foram os rolos exibidos em diversos lugares e publicados os textos do **Profeta Isaías**, do **Comentário de Habacuque** e do **Manual de Disciplina**, só faltando a do **Apocalípse de Lameque**. Contudo o interesse despertado foi pequeno. As Faculdades de Teologia não estavam em condições de pagar o preço exigido e, além do mais, pesavam dúvidas acêrca dos direitos de Mar Athanasius sôbre os rolos, por tê-los retirado da Palestina sem licença do Departamento de Antigüidades. Mas, fato curioso, em fevereiro de 1955, a Universidade de Jerusalém anunciava achar-se também de posse dêstes manuscritos. O general Yigael Yadin, filho do Prof. Sukenik, visitara os E.U.A. e os comprara pela soma de \$250.000 por intermédio de um advogado. Quando se descobriu a transação, êles estavam reunidos aos seus velhos companheiros, na Cidade Santa.

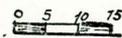
Já então lavrava o fogo das discussões, sobretudo no referente à data dos manuscritos. O Prof. Zeitlin, do Dropsie College, em outubro de 1948, escrevia pondo em dúvida a antigüidade do **Comentário de Habacuque**, e em janeiro de 1949, a do **Manual de Disciplina**, avançando-os para a Idade Média. Essas e outras críticas produziram resultados benéficos, desde que levaram os entendidos a tôda sorte de exames: paleográficos, filológicos, químicos e arqueológicos.

II

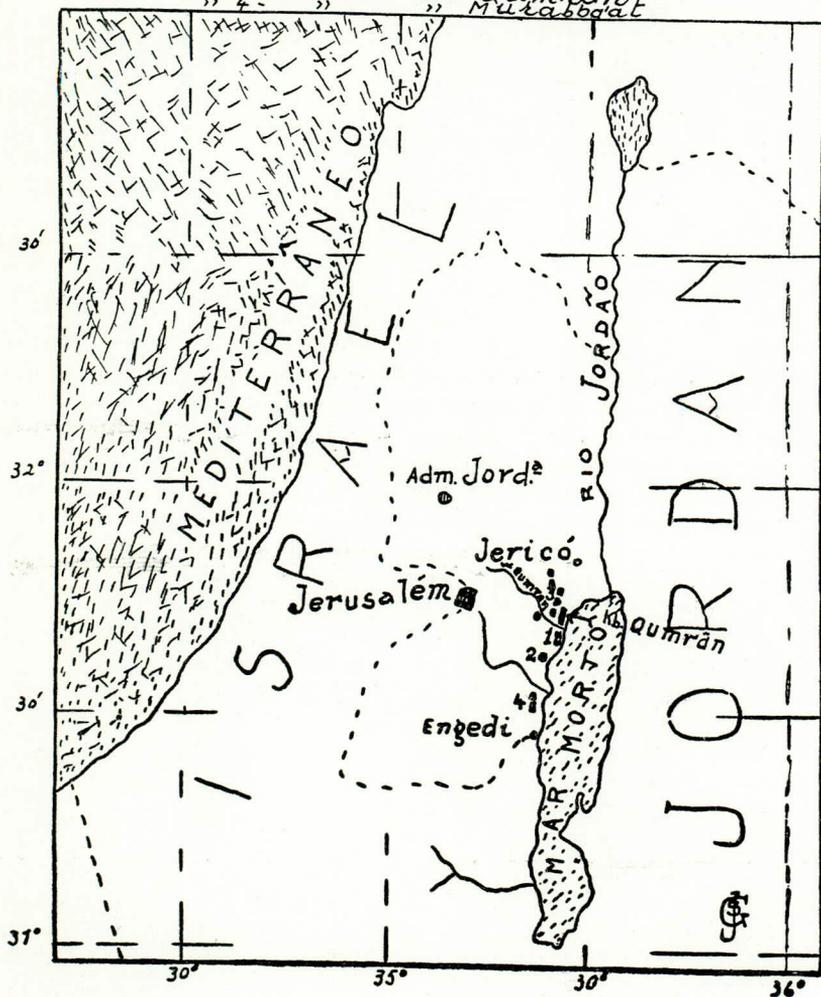
Nova e abundante colheita de material.

Em razão dos problemas suscitados, tornava-se imprescindível um exame mais acurado da caverna de Qumrán, ou gruta de Ain Feshka, e investigar outras da zona ao redor. Em janeiro de 1949 o capitão belga, Philippe Lippens, observador da ONU na Jordânia, sendo arqueólogo amador, interessou-se vivamente por tais pesquisas, dando-lhes pronto início nessa data. A seguir o Departamento de Antigüidades, as escolas Americana de Investigações e a Francesa lhe referendavam a ação, sobressaindo-se no valioso empreendimento as figuras de G. L. Harding, do Padre de Vaux e do Prof. O. R. Sellers. Trabalharam durante quase cinco semanas, em condições difíceis. A caverna media 8 metros de comprimento por 2 metros de largo, porém com abertura muito acanhada, dificultando movimentos e a penetração de ar. Verificaram que os caçadores clandestinos de preciosidades ali tinham deixado suas marcas deletérias, danificando nesciamente objetos de va-

PALESTINA e REGIÃO DE QUMRÂN

Esc. 

- Nº 1 - Ain-Feskha
- » 2 - Ras Feskha
- » 3 - Grutas de Qumrân
- » 4 - " " Murabbâat



lor. Todavia ainda puderam recolher muita coisa interessante; aliás, tudo que foi possível, por insignificante que parecesse: pedaços de envolturas de linho, cacos de cerâmica, fragmentos de manuscritos, etc. A sua comparação com os rolos vendidos pelos beduinos, resultou, de modo geral, na sua equiparação quanto à escrita, estado de conservação e até no conteúdo com o material anterior. Provavelmente pertenciam à mesma coleção de documentos. Mas havia também material pertencente ao período romano. Uma pequena parte dos fragmentos se apresentava redigida em hebreu antigo ou fenício. Os achados incluíam certos livros canônicos do Velho Testamento, de apócrifos e de obras desconhecidas. A gruta deveria encerrar, primitivamente, umas 50 jarras de 60 centímetros de altura por 0,25 de diâmetro, comportando ao todo de 150 a 200 rolos, ou em média 5 para cada uma delas.

A pesquisa prosseguiria noutro lugar, pois o Prof. Paul Kahle, da Alemanha, recomendava que se examinassem as ruínas de um velho edifício próximo a Khirbet (ruína) Qumrân e bem assim o cemitério adjunto. Harding e de Vaux se incumbiram mais uma vez da tarefa, colhendo, de novo, largos frutos. Puseram a descoberto um prédio de aproximadamente 36 metros por 30, contendo quartos e um amplo salão. Colheram moedas de bronze, grande quantidade de cerâmica, uma vasilha semelhante às da gruta, uma lâmpada e dois tinteiros. O estudo levou à conclusão de que as ruínas de Qumrân e a cova de Ain Feshka estavam relacionadas mutuamente.

Entretanto os ta'amirehs continuaram a vender pedaços de manuscritos, já não só em hebraico, mas agora também em grego e aramaico. De onde provinham? De outras cavernas da região! Por conseguinte, era preciso investigar mais extensamente. Obtida a autorização do Departamento de Antigüidades, vasculharam-se tôdas as covas, desde o Wady (córrego temporário) Murabba'at, a 17 quilômetros ao sul de Qumrân ao Wady en-Nar, ou do vale do Cedron, e ao Khirbet Mird. Ao todo 267 covas. Na cova 2 (2Q) retiraram diversos fragmentos dos livros de **Jeremias**, do **Êxodo**, **Números**, **Deuteronomio**, **Salmos** e **Ruth**, e dos não-bíblicos uma pequena parte do **Livro dos Jubileus**, que ao lado de outro da cova 1, sugere quão importante fôra êle na vida e na seita de Qumrân. A cova 3 (3Q), além de passagens de livros bíblicos e de apócrifos, forneceu dois surpreendentes rolos de cobre, legíveis só pelo lado de fora, em parte, visto não se poderem abrir, por causa de seu estado. A gruta 4 (4Q) foi a mais pródiga de quantas receberam a visita dos pesquisadores, exce-

dendo-as mesmo em interêsse e importância. A lista de obras fornecida abrange manuscritos de todos os livros do Antigo Testamento, com a possível exceção de **Ester**, sendo que alguns estão redigidos no velho hebraico. Calcula-se em mais de uma centena o número de manuscritos bíblicos depositados somente nesta cova, embora reduzidos a fragmentos, e outro tanto de obras desconhecidas; diversos da literatura apócrifa e também comentários sobre **Isaias**, **Malaquias** e os **Salmos**, filactérias e textos litúrgicos estabelecendo o calendário dos essênios. Nas ruínas de Khirbet al-Mird, a nove milhas ao sudoeste de Jerusalém, local onde se ergueu a fortaleza Hircânia, destruída em 57 a. C. por Gabínio, general de Pompeu, reconstruída depois por Herodes-o-Grande e de cujos destroços surgiria mais tarde, nos fins do século V, uma filial do mosteiro de São Sabas, os beduinos encontraram documentos em grego e em árabe, diversos dos quais do Novo Testamento, datando dos séculos V ao VII, acrescidos por outros, descobertos em 1953 por uma expedição arqueológica belga. Um dos mais importantes é uma passagem da **Andrômaca** de Eurípedes. Lembramos, contudo, que estes últimos manuscritos nada têm a ver com os de Qumrân, que são de época mais remota. Quanto à região de Murabba'at os relatórios a descrevem como de acesso difficilimo, inóspita, desolada, de modo que, quando ali se efetuaram as pesquisas, foi precisa a cooperação da Força Aérea Jordânica. Já desde fins de 1951 os ta'amirehs vinham explorando as relíquias destas covas. As descobertas realizadas em quatro delas, revelaram diversas fases de ocupação, que se estendem de 4000 a. C. a 1400 d. C. Os seus primitivos habitantes viviam da caça, criavam gado e cultivavam no platô próximo. Aqui, segundo parece, Davi se ocultou do rei Saul, a concluir-se de I **Sam.** 24. A ocupação durante os séculos I e II d. C. foi intensa, em vista dos objetos achados em metal; couro, fragmentos de cestaria e de cerâmica, moedas romanas (de Nero a Adriano) e nove do tempo da revolta de Barkosheba. Entre os documentos dignos de nota, há um palimpsesto em hebreu arcaico, datando de aproximadamente o ano 600 a. C., parecendo tratar-se de uma carta; dois contratos em grego, sendo que um é datado do sétimo ano de Adriano; um atestado de débito do tempo do cônsul Statilius Severus (a. D. 171) e dois fragmentos de uma obra literária desconhecida. Os textos bíblicos são todos dos dois primeiros séculos de nossa era. Mas os mais importantes documentos são os que se referem à Segunda Revolta Judaica contra os romanos. Diversos deles, escritos em hebraico, falam da

“libertação de Israel pelo ministério de Simeão ben Kosiba, Príncipe de Israel”.

Duas cartas de Simão foram endereçadas a Yeshua ben Golgola, um de seus oficiais, residente em Murabba'at. Uma outra é dirigida por administradores da vila de Beth Mashko ao mesmo oficial e relata a aproximação dos romanos. Além de outros documentos, bíblicos e não-bíblicos, em grego, aramaico, árabe. Apenas um fragmento em latim.

Das questões mais importantes suscitadas pelos documentos de Qumrán algumas diziam respeito ao seu primitivo possuidor e à razão de serem depositados nas covas. Pertenceriam à comunidade que habitou nas redondezas? O Prof. Kahle sugeria que sim! Provavelmente à extinta seita dos essênios.

III

Visão esquemática dos manuscritos.

A abundância de fragmentos colhidos, a exigüidade de tamanho de muitos dêles e o precário estado de conservação em que se encontravam, têm impedido apreciar melhor as matérias de que tratam. Alguns, como o rolo de Lameque, apresentavam-se quebradiços, outros, quase ilegíveis, exigindo tratamento especial antes de se tentar decifrá-los, ou, conforme o caso, antes de serem ligados às peças de que provinham. E, muito embora, o caminho ainda seja longo, muito dêle já se percorreu. Os manuscritos maiores já foram lidos, inclusive os dois rolos de cobre.

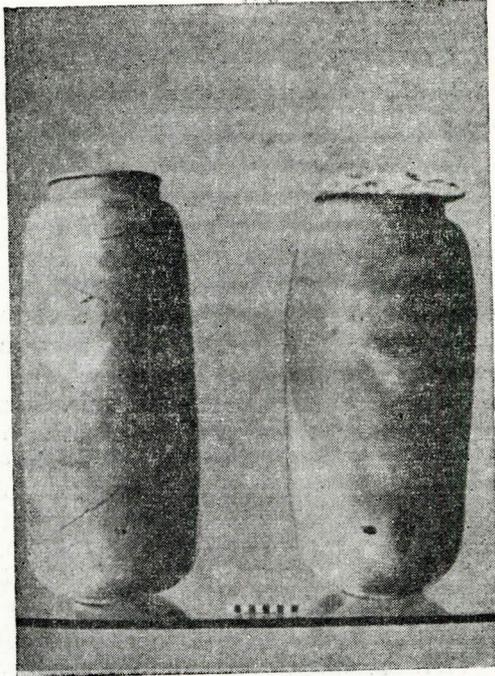
E' sôbre tais documentos que desejamos oferecer aos leitores uma pequena apreciação, para que se informem da natureza dos mesmos.

1). — **O rolo de Isaías (A)**, ou manuscrito de São Marcos. Pertenceu ao arcebispo Samuel, e agora à Universidade Hebraica de Jerusalém. Despertou grande sensação por antedatar de cêrca de um milênio os mais antigos textos em hebraico ora existentes, nos quais, as presentes tradições da Bíblia se basearam. E' formado por placas de couro, ligadas pelos extremos, à semelhança de uma tira de retalhos. Mede, desenrolado, 7,20 de comprimento por 0,30 centímetros de largura. Texto em hebraico, de letras quadradas e bem distintas umas das outras. Está distribuído em 54 colunas, de 29 linhas. A letra é mais ou menos do tipo em uso uns cem anos antes da era cristã. O texto foi corrigido pelo próprio escriba e tempos depois por outra pessoa. Acha-se melhor conservado do que o rolo de

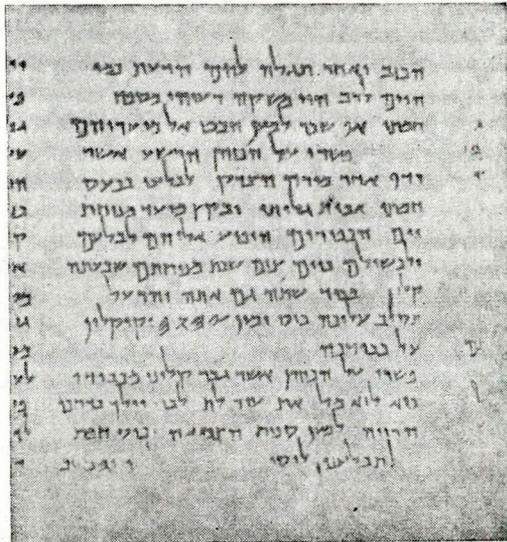
Isaias B, adquirido por Sukenik, em fins de 1947, e lhe leva vantagem também por estar completo. Contém tôda a matéria abrangida pelos 66 capítulos da edição atual do livro do **Profeta Isaias**, ao passo que Isaias B só possui algumas passagens dos capítulos X, XIII, XIX-XXX, XXXV a XXXVII e finalmente tôda a parte desde o capítulo XXXVIII. Os estudos paleográficos sugerem tenha sido escrito durante a segunda metade do século II a. C.

2). — **O Comentário de Habacuque.** E' um rolo relativamente pequeno. Mede, atualmente, 1,50 por 0,18, quando originalmente devia ter cêrca de 1,68 por 0,40. A escrita é mais formosa e clara que a de Isaias A. Parece ter sido menos manuseado, pois está bem conservado. Do ponto de vista literário é mais importante que os anteriores, por tratar de gênero desconhecido: é um pesher, ou comentário dos dois primeiros capítulos do Profeta Habacuque com base no próprio texto. A exegese do autor nos põe em contacto com fatos históricos e lança alguma luz sôbre a comunidade de Qumrân; fatôres êsses que lhe aumentam a valia. Por exemplo: refere-se aos Kittim, "que são velozes e valentes na batalha"; menciona, outrossim, o "homem da Virtude" ou "Senhor da Justiça", provavelmente fundador e chefe da seita, que foi perseguido com violência pelo "Sacerdote Perverso". Até hoje não se conseguiu esclarecer com precisão a que personagens o comentarista se estava referindo. Tanto um como outro aparecem também no **Manual de Disciplina** e nos fragmentos Zadokitas (2). A descrição dos seguidores do "Senhor da Justiça", ou "Mestre da Justiça", se assemelha bem de perto com as referências de Flávio Josefo e de Filon. O Prof. Dupont-Sommer, estribando-se nesses elementos, concluiu que o "Sacerdote Perverso" é Aristóbolo II, da dinastia dos asmoneus, rei e grande sacerdote de Jerusalém, o qual governou a Judéia de 67 a 63 a. C., sendo, por fim, prêso e enviado para Roma. Outros, no entanto, pensam tratar-se do Sumo-Sacerdote Meneláu, enquanto o "Mestre da Justiça" seria o piedoso sacerdote Onias, assassinado em 171 a. C., vinte e cinco anos antes da ocupação do mosteiro de Qumrân por seus seguidores. O autor do Comentário dá à

(2). — Os fragmentos Zadokitas foram descobertos no Cairo em 1896. São conhecidos também como Documento de Damasco. Parece derivarem da mesma fonte que os escritos do Mar Morto, dos quais são contemporâneos. As doutrinas, os acontecimentos e a linguagem que usam 'são iguais também, especialmente no *Manual de Disciplina*. E' provável que a seita tenha emigrado temporariamente para Damasco, conforme veremos, e no Egito existiu um ramo seu: os terapeutas.



Vasilhas semelhantes às que contiveram os rolos do Mar Morto. (M. Burrows).



Coluna XI do Comentário de Habacuque. (A. D. Sommer).

seita o nome de “Nova Aliança”, também encontrado em mais de um documento do Mar Morto. Foi escrito em meados do século I a. C.

3). — O “**Manual de Disciplina**”. Era constituído, primitivamente, de um rolo formado por 5 placas de couro ou pergaminho, medindo cerca de 2,10 de comprimento, e agora 1,80 por 0,24 centímetros. Não contém as duas primeiras linhas da primeira coluna. Uma a três linhas de toda a base estão prejudicadas. A falta de unidade lógica e de ordem, nele observadas, revelam que foi copiado gradualmente, como se procede com os álbuns. É documento inestimável em virtude das luzes que projeta sobre a seita de Qumrân, da qual seria o código, ou manual de direção. Considera as exigências para “entrar na Aliança” e os deveres de seus membros, os ritos de incorporação, as regras de disciplina; expressa-se acerca do pecado, e conclui com um salmo ou poema piedoso.

Percebe-se atrás de tudo isso que o grupo já estava bem organizado quando surgiu o **Manual de Disciplina**, tendo decorrido, portanto, algumas décadas, talvez, desde sua origem. De sorte que

“isto, mais plenamente que qualquer alusão histórica dos outros textos, escreve Burrows, assinala a origem do grupo no período asmoneu, dificilmente depois do tempo de Alexandre Janeu. Isto, acrescenta ainda, está de acôrdo com os resultados da excavação de Khirbet Qumrân” (3).

Convém lembrar aqui a semelhança que existe em muitos aspectos do Manual com o **Didaquê** (4), obrzinha usada na Igreja Primitiva, para instrução dos catecúmenos, orientação na prática de certos ritos (batismo e eucaristia) e no trato que se devia dispensar aos ministros. Como, então, se explica isso? Tem-se pensado que o **Didaquê** é de origem judaica. Pode ser! Mas o fato é que parece não ter existido entre os judeus algo semelhante. Proviria dos essênios? Há, na realidade, marcantes pontos de contacto, mas as distinções também são impressionantes, não só no caso do batismo, que apenas se efetuava uma vez, mas ainda no significado da eucaristia e no modo de vida dos cristãos.

4). — O **Apocalipse de Lameque**. Obra nunca antes conhecida, nem por referências. Só há pouco foi possível desenrolá-

(3). — Burrows (Millar), *Los Rolos del Mar Muerta*, pág. 234.

(4). — Salvador (José Gonçalves), *O Didaquê*. Imprensa Metodista. São Paulo, 1957.

lo. N. Avigad e Y. Yadin publicaram-no em 1956. O texto estava redigido em aramaico, porém muito prejudicado. É uma espécie de paráfrase do livro do **Gênesis**. Ou se quisermos, é um **Gênesis** apócrifo.

5). — **A guerra dos filhos da Luz contra os filhos das Trevas.** Texto bem legível; preservado quase por completo. Mede mais de 2,70 por cerca de 0,15 centímetros. Ao todo 19 colunas. Nele o autor expõe um plano de campanha para orientação dos “filhos da Luz” no combate que hão de travar contra os “filhos das Trevas”. Nesta guerra os inimigos são os ímpios, as nações pagãs (gôyim), e mais precisamente os “kittim”. Mas quem, realmente, são os “filhos da Luz” e os “filhos das Trevas”? Aquêles já foram confundidos com as tribos de Levi, Judá e Benjâmin, pensando-se agora, no entanto, que se trata dos essênios. E quanto aos “kittim”, embora não haja unidade de pontos de vista entre os autores, admite-se sejam os romanos (5). A guerra tem caráter santo, porque contra os ímpios: as fôrças do bem contra as do mal, com a vitória final da Luz e da Justiça, e ferir-se-á tanto no mundo visível como no invisível, envolvendo na batalha os anjos bons e os maus. Ao tempo em que o autor elaborou o **Manual** a guerra ainda se confinava ao imaginário e teórico, mas o objetivo futuro se revestia de realismo: o inimigo estava à vista, e importava preparar-se para derrotá-lo. A luta já estava começada e devia prosseguir até ao fim. O documento, por conseguinte, coloca-se dentro do ambiente macabeu.

6). — **Os Salmos de Ação de Graças.** O rolo veio parar às mãos de Sukenik em três fôlhas de couro bastante danificadas. Contém cerca de 40 salmos, mais ou menos do mesmo estilo e linguagem dos do Velho Testamento, porém menos ricos em originalidade e valor poético. Êste fato veio demonstrar duas coisas: que o costume de compor hinos ainda não tinha cessado; que por sua linguagem, situação e teologia são de época tardia. Diversos dêles talvez sejam da autoria do Mestre da Justiça, o que explicaria a estima da seita para com a coleção (6).

7). — **Outros documentos.** Iríamos longe, certamente, se fôssemos comentar o significado que representam para a filologia, para a exegese bíblica, para a paleografia e a história, os muitos objetos e manuscritos achados, completos ou em

(5). — *Les Manuscrits de la Mer Morte*. Colloque de Strasbourg, maio de 1955. Presses Universitaires de France, págs. 10-15.

(6). — *Ibidem*, pág. 18.

fragmentos, tais como pontas de flechas, pratos de madeira, vasos de barro, agulhas, botões, lâmpadas, etc. Em 37 covas da margem ocidental do Mar Morto os pesquisadores colheram objetos e destroços de cerâmica e outros restos de ocupação humana, concluindo êles que a cerâmica de 25 era semelhante à de Qumrân I. O número de moedas ascende a diversas centenas, e o que é mais interessante, nenhuma provém das covas, mas das ruínas do edifício próximo, exceto as grutas de Muraba'at, de onde se retiraram mais vinte, as quais pertencem ao período de Nero a Adriano, cumprindo destacar que duas representam a galera da Décima Legião e nove estão relacionadas com os anos da Segunda Revolta Judaica. Não menos interessantes foram os dois rolos de cobre. Afinal, após cuidadoso trabalho, conseguiu-se abrí-los e restaurá-los. Pelo que se podia ler do lado de fora previam os eruditos que o texto nada tinha de bíblico, devendo tratar-se de um catálogo. E, de fato, não erraram muito: contém nada menos que uma fantástica lista de tesouros, que se supõe estejam enterrados em diversos lugares da Palestina. Pensa-se que a comunidade essênica pretendia reavê-los assim que pudesse retornar à sua sede, uma vez cessadas as lutas militares. Da literatura religiosa mencionaremos apenas os fragmentos de alguns apócrifos, estimados pela gente da Nova Aliança e mesmo por cristãos dos primeiros séculos, mas ignorados durante longos anos: o **livro dos Jubileus**, obra das mais importantes para aquela comunidade; o **livro de Enoque**, testemunha, junto com outros, de quanto apreciava o apocalipsismo; o **Testamento dos dozes patriarcas**, a **Ascensão de Moisés**, etc. Quanto à profana, citaremos especialmente as cartas de Simão bar Kosheba, a seu oficial Yeshua ben Golgola. Numa delas, assim se expressa o missivista:

“Da parte de Simão ben Kosebhah a Yeshua ben Golgola e aos homens de tua companhia, saúde. Invoco os céus como testemunha de que, se não romperes com os galileus, a que tens protegido, com êles meter-vos-ei a todos ferros nos pés, como fiz a Ben Aphlul. Simão ben Kosebhah, Príncipe de Israel”.

Yeshua comandava um pôsto militar judeu nas cavernas do Wadi Murabba'at e ali dispensou atenções a certos elementos considerados nocivos aos interesses do chefe dos insurretos, que descontente ameaça punir severamente a todos. Que o subalterno tomasse por exemplo o que acontecera a Ben Aphlul. Simão não desejava de modo algum tergiversações com

pessoas inimigas ou indiferentes à causa pela qual se debatia, e essa parece que era a posição dos “galileus” mencionados na carta. A quem, no entanto, se referia, é difícil precisar. Podia muito bem tratar-se dos cristãos, pois êles se recusavam a tomar armas em benefício de qualquer reino terrestre, fiéis aos ensinamentos de Jesus, e ainda porque aguardavam o retôrno de Cristo e o estabelecimento do seu reino. Evidentemente ben Kosebhah dava mostras de sua energia e firmeza de propósitos.

IV

As ruínas de Qumrân.

Embora considerado inóspito, já não se podia, em face das evidências, garantir a impossibilidade de uma comunidade ter-se fixado no deserto da Judéia. A Bíblia dá a entender que um dia existira na região a cidade de Gomorra. Na margem leste do Mar Morto houve a fortaleza de Macheros, onde João Batista esteve prêso sob as ordens de Herodes. Além disso Filon, Plínio e Flávio Josefo tinham-se pronunciado acerca dos essênios, dando-os como estabelecidos a pouco acima de Engedi. Convinha, pois, investigar a respeito, mesmo porque esta seria uma solução para determinar a procedência de muitos dos manuscritos, senão também a data.

Desde 1850 alguns viajantes e estudiosos tiveram sua atenção voltada para umas ruínas localizadas a oeste do Mar Morto, junto ao Wadi Qumrân, e bem assim para um antigo cemitério das proximidades. No ano seguinte, Félicien de Saulcy, admitia fôsse o sitio da extinta Gomorra. Em 1873-1874, outro francês, Clermont-Ganneau, explorou a região, deduzindo de suas observações que ali parecia ter existido um vilarejo. G. Dalman inclinava-se por um pôsto militar, dos tempos romanos.

Em 1949, G. L. Harding e o Padre de Vaux realizaram a primeira sondagem, sem sucesso. Em 1951 resolveram, então, escavar todo o platô, de uns 50 metros, ocupado pelas ruínas, alcançando feliz resultado desta vez. Ficou assim comprovado que o local tinha sido habitado ao mesmo tempo que as cavernas próximas e pela mesma gente, e que, igualmente, o cemitério era contemporâneo desta ocupação. Uma segunda e terceira pesquisas, efetuadas em fevereiro-março de 1954 e 1955, esclareceram ainda melhor a questão.

Os dois sábios puseram a descoberto um edifício retangular, todo de blocos de pedra, rejuntados com barro, medindo c. de 30 por c. de 37 metros, com o aspecto de mosteiro. Pare-

des internas rebocadas. Uma porção de janelas. O piso estava pavimentado com seixos. Notaram a existência de diversos compartimentos. No canto noroeste levantava-se uma tórre de dois pisos, sem janelas, destinando-se os quartos do sótão à armazenagem. Logo ao lado achava-se um cômodo com lagumas lareiras, denotando tratar-se, certamente, de uma cozinha. Na parte sudoeste localizavam-se amplas câmaras, cuja utilidade, sem dúvida, era a de servirem para as reuniões habituais e as refeições conjuntas dos ocupantes. Uma delas mede 21,50 de largo e apresenta num dos extremos uma plataforma de pedra, que podia ter servido de púlpito. Outro salão indicava um **scriptorium**, em virtude do material nele encontrado: mesas e bancos de ladrilho, dois tinteiros de terra cota e um de cobre, sendo que um ainda continha tinta sêca, de origem vegetal. Havia, além do mais, uma ala lateral, ao sul do edifício, onde se descobriram objetos vários, como: chaves, podadeiras, um cântaro semelhante ao da cova 1(1 Qm), lâmpadas, etc. Talvez servisse de oficina.

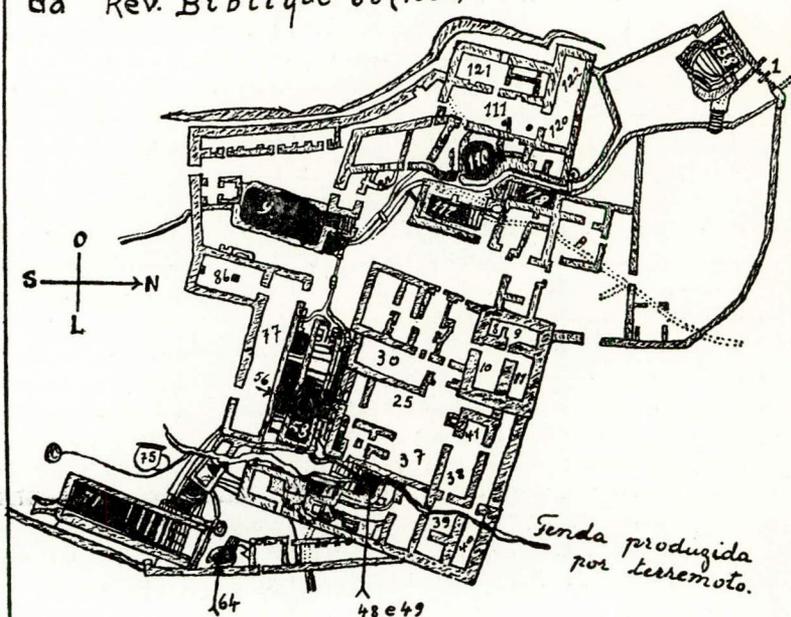
Merece referência especial o intrincado sistema de reservatórios d'água, prova insofismável de quão importante papel representava para a comunidade de Qumrán o precioso líquido. Num reservatório grande colhiam-se as águas das chuvas que deslizavam pelo Wadi Qumrán, pois nem sempre a natureza se mostrava pródiga. Dêle repartiam-se, conforme as exigências, para seis amplas cisternas e para sete outras, menores, construídas estas quase à superfície do solo, para as abluções quotidianas. Naquelas atingia-se a água por meio de degraus.

Com base no material colhido no edifício e em outras evidências, o Padre de Vaux estabeleceu a cronologia histórica da sua ocupação. Uma primitiva construção, sem qualquer relação com a da comunidade de Qumrán, revela que o local foi habitado no século VII ou VIII a. C. por uma colônia judia. Séculos mais tarde, talvez no reinado de João Hircano (135-104 a. C.), de acôrdo com as moedas do período Hasmoneu, foi construído o edifício com que ora nos prendemos, tempo da primeira ocupação, a qual se finalizou, provavelmente no reinado de Herodes-o-Grande (37-4 a.C.), quando um terremoto o destruiu. Apenas uma única moeda do tempo dêste rei foi ali achada. O escritor Flávio Josefo refere-se em duas obras suas a um violento terremoto ocorrido no sétimo ano de Herodes (7), ou seja, em 31 a. C., e, de fato, os estigmas deixa-

(7). — Josephus, *Antigüidades Judaicas*, XV, v, 2; *Guerras dos Judeus*, I, xix, 3.

A.S RUÍNAS DE QUMRÃN

da Rev. Biblique 63(1956).



- 1 - Entrada do aqueduto
- 8a e 11 - Torre
- 25 e 37 - Côrte, também o n.º 111.
- 38 a 41 - Cozinha
- 48, 49, 56, 58, 71, 91, 117, 118 - Cisternas.
- 30 - Escritório 77 - Refeitório e Assembleia
- 64, 65, 70, 75, 84 - Instal. de cerâmica 86 - Copa
- 120 a 123 - Armazens.

dos no prédio e no desnível dos degraus das cisternas, testemunham que algo de anormal aconteceu. Por conseguinte, a partir de então, o local esteve abandonado pela comunidade. Em abôno desta hipótese, levanta-se uma outra: a da emigração da seita de Qumrân para Damasco, nesta época, desde que se admita que a seita Zadokita e aquela sejam a mesma, em virtude das semelhanças descritas no Documento do Cairo, ou de Damasco. Mas, pergunta-se, porque não o reconstruíram, preferindo transferir-se para a Síria? Leve-se em conta o caráter de Herodes e os padrões de vida dos sectários da Nova Aliança, diametralmente opostos, e ter-se-á a resposta. Herodes vivendo de maneira licenciosa e pagã, em seu palácio de Jericó, a poucas milhas de seus piedosos vizinhos, haveria de sentir-se mal, e mais incomodado ainda com o aspecto militar de sua organização, que, embalado pelos ideais apocalípticos de suas crenças, poderia converter-se num sério empreendimento à concretização de seus sonhos políticos. Por isso, emigrando para Damasco, lá permaneceram até à ascensão de Arquelau, filho do precedente, no govêrno da Judéia. Regressam após longos anos de exílio, quase quarenta, e reconstroem o edifício. Aqui a razão do ençontro de tantas moedas, nele, do tempo dèste rei (4 a. C. a 6 d. C.) e dos Procuradores romanos, até à primeira revolta (66-70 d. C.). Com esta, a seita o abandonou mais uma vez. Segundo Flávio Josefo, Vespasiano acampa em julho de 69 em Jericó. Então as fôrças romanas da famosa Décima Legião vieram e o destruíram, para, em seguida, ali estabelecerem um pôsto de observação de acôrdo com as evidências das moedas achadas nas ruínas (do ano 70 ao de 86, aproximadamente). A comunidade precisou deixar o lugar apressadamente, pretendendo, quem sabe, voltar algum dia. No terceiro período foram os revoltados de Simão ben Kosehbah, anos depois, que dêle se utilizaram. Desta fase restaram treze moedas.

Falemos um pouco do velho cemitério, próximo às ruínas, precisamente entre o Mar Morto e o mosteiro. Encerra mais de mil sepulturas, cobrindo o platô principal e os montes adjacentes. De Vaux escavou umas vinte, em diversos pontos, e em todos a disposição geral era mais ou menos a mesma: os esqueletos, nus, sem esquifes e sem adornos e em decúbito dorsal, com a cabeça voltada para o sul, as mãos cruzadas sobre a pelvis ou estendidas ao longo do corpo, tudo como que demonstrando a simplicidade de existência e de costumes da gente da comunidade. Alguns dos esqueletos, examinados em Paris pelo Prof. H. V. Valois, revelaram ser de mulheres. Real-

mente, alguns textos de Qumrân dão a entender que as havia entre os adeptos da Nova Aliança. Flávio Josefo diz mesmo que um ramo, referindo-se aos essênios, hoje identificados com a seita de Qumrân, permitiam o casamento de seus membros.

V

A comunidade de Qumrân

Desprezada a idéia dos **genizah** (8), a grande maioria entre os eruditos espousa a bem fundamentada hipótese de pertencer a biblioteca dispersa pelas covas de Qumrân, a uma seita religiosa, identificada no decorrer das pesquisas com a dos essênios. As ruínas existentes e sua proximidade das cavernas, fragmentos de manuscritos dos mesmos livros, achados num e noutro lugar, e também os vasos, permitiram tal entrosamento. A êles pertencera a literatura, a êles cabia o engenho e a obra das construções, de suas mãos saíra o sistema de reservatórios, a seu rol estiveram unidos os extintos sepultados no cemitério. Plínio-o-Antigo, Filon Judaeus e Flávio Josefo, também nesse sentido prestaram admirável contribuição com as informações que haviam deixado. Aliás, tudo quanto se sabia antes a respeito dos essênios, nos fôra comunicado por êstes três autores e através de uma pequena informação de Dion Crisóstomo, na qual fala da

“felicidade de que goza tôda a sua cidade, situada perto do Mar Morto, no centro da Palestina, não longe de Sodoma” (9).

Mas, afinal, quando e onde surgiram os essênios? Não é fácil responder à questão e nem como desapareceram. Parece que sua gênese se deu na Mesopotâmia, isto por causa dos elementos não-judaicos expressos em seus ensinamentos, passando-se para a Palestina após as primeiras vitórias dos macabeus. A origem do nome não é menos problemática. K. Cook encontrou vinte e cinco etimologias diferentes da palavra “essênio” (10). Talvez provenha do siríaco **hesse**, santo, justo, puro, cujo correspondente no grego é **hosioi**, apelido que lhes deram certamente por serem mais rigorosos que os fariseus no cumprimento da lei mosaica, e dos quais, por essa razão, se teriam

(8). — O *Genizah* é uma espécie de sacrário ou de cemitério onde se guardavam os velhos manuscritos, considerados impróprios para o uso, por estarem estragados ou com erros. Leia-se: *L'Énigme des manuscrits de la Mer Morte*, de Del Medico, págs. 23 a 46.

(9). — Synesius, *Opera* (1864, in *Patr. graeca*, ed. J. P. Migne, vol. LXVI), 1119.

(10). — Fritsch (Charles T.), *The Qumrân Community*, pág. 90. Nota 1.

apartado. O Prof. K. G. Kuhn, de Heidelberg, advoga a tese seguinte:

“A ordem muito provavelmente originou-se de uma sucessão de sacerdotes do templo de Jerusalém que se retiraram para o deserto” (11).

Já no século II a. C. estavam constituídos em seita, juntamente com a dos fariseus e saduceus, as três maiores, ainda nos dias de Cristo, mas dêstes se distinguindo por viverem em ambiente à parte, no caso de Qumrân, pois também existiam pequenos grupos de essênios nas vilas da Palestina.

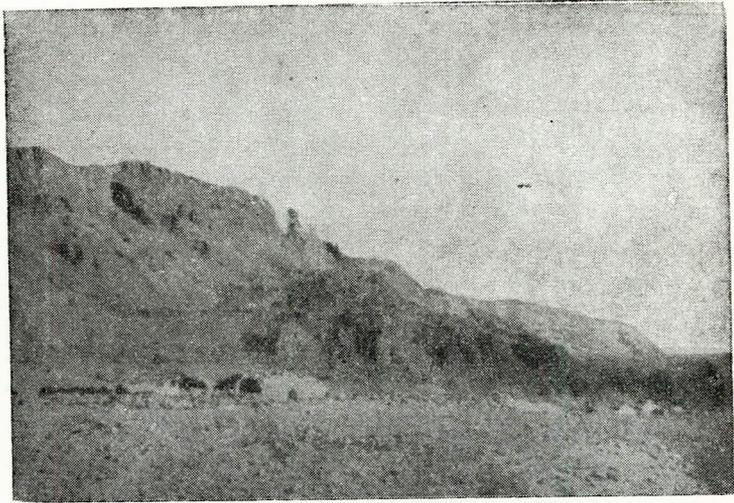
Hoje, graças às descobertas no deserto da Judéia e às informações de Plínio, de Dion Crisóstomo, e dos dois escritores judeus, Filon e Flávio Josefo, conforme adiantamos, podemos conhecer melhor os essênios. Plínio assim se expressa no seu relato:

“Os essênios habitam na costa ocidental do Mar Morto, mas suficientemente afastados dêle, de modo a evitarem os seus efeitos nocivos. São gente solitária e mui superior ao resto da humanidade. Vivem sem mulheres e têm renunciado a tudo que é de Venus. Carecem de dinheiro, tendo como única companhia as palmeiras. Renovam-se de contínuo graças à incessante corrente de refugiados que a êles chegam em grande número, homens fatigados da existência a quem as ondas do infortúnio impeliram a adotar seu gênero de vida. Assim é que, durante milhares de anos, por incrível que pareça, subsiste êsse povo, em local onde nada tem nascido”. E prosegue: “Mais abaixo do sítio em que se encontram, existiu a cidade de Engedi, a qual, por seus bosquezinhos de palmeiras e sua fertilidade geral, foi a segunda depois de Jerusalém. Agora, entretanto, parece um montão de cinzas. Mais além está Masada, uma fortaleza na rocha, que também dista muito pouco do Mar Morto. A Judéia estende-se até êste ponto” (12).

Os outros dois autores, sendo judeus, interessaram-se mais pelos essênios, especialmente Flávio Josefo. De Filon Judaeus (30 a. C.-50 d. C.) existem duas amplas referências, uma no tratado **Todo homem bom é livre**, onde os toma como prova de que a virtude é possível, visto que êles a praticavam, e a outra acha-se na **Apologia a favor os Judeus**, da qual o historia-

(11). — *Les Manuscrits de la Mer Morte*, Colloque de Strasbourg. Conferência de K. G. Kuhn sobre “A refeição cultural essênica (p a Ceia cristã)”, pág. 79.

(12). — Plínio, *História Natural*, V, xv. Vol. 10 da Loeb Classical Library, II, 277.



O mosteiro visto do Sueste. (Sommer).



Ruínas de Qumrân. Algumas cisternas. (M. Burrows).

dor cristão Eusébio de Cesaréia (c. 263-c. 340), conservou alguns trechos em sua **Preparatio Evangelica**. Na primeira, o teólogo-filósofo alexandrino, Filon, conta que

“a nação dos judeus também tem produzido gente de excelente moral, destacando os essênios, em número superior a 4.000. Afirma que o nome essênios (do grego **hosiotês**) lhes fôra dado por causa de seu devotamento ao serviço de Deus, através do qual procuravam satisfazer suas mentes, e não por meio do sacrifício de animais. Viviam nas pequenas vilas, pois consideravam pernicioso o ambiente das cidades. Alguns exerciam a agricultura, outros serviam-se de atividades ou profissões compatíveis com seu gênero de vida. Não acumulavam riquezas e nem se interessavam por grandes propriedades: bastava-lhes o indispensável, e assim se julgavam mais felizes e ricos que as outras pessoas. Não fabricavam qualquer tipo de arma, nem se entregavam ao comércio ou à vida marítima. Nenhum escravo existia entre eles, porquanto também condenavam a exploração do homem pelo homem. Todos são iguais. Por isso tinham tudo em comum. Apreciavam pouco as questões filosóficas, mas cuidavam muito da ética. Guardavam escrupulosamente o sábado, dedicando-o ao estudo e à santificação de suas vidas. Dispostos por idade cronológica, nas reuniões, ouviam o ensino ministrado por um abalizado mentor. Quanto às ações, deviam tomá-las mediante o seguinte padrão: amor a Deus, amor à virtude, e amor aos homens. Importava ser verídicos e justos e nunca fazerem juramentos; nem se deixarem seduzir pelo amor do dinheiro, nem pelo prazer e nem ainda pelo desejo de grandeza; tratar ao próximo com benevolência e equidade”.

Filon esclarece, outrossim, que os essênios

“tinham seus haveres em comum, inclusive as roupas e os alimentos. As refeições eram tomadas em grupo. Zelavam carinhosamente por seus enfermos e anciãos. Nenhum homem, por pior que fôsse, jamais lhes procurava causar danos, tal a conduta que levavam” (13).

Na **Preparatio Evangelica**, VIII, 11, Eusébio preservou a descrição abaixo, da obra de Filon, **Apologia a favor dos Judeus**, por nós assim resumida:

“que os essênios não admitiam crianças, nem adolescentes, ou jovens, por serem instáveis, mas somente ho-

(13). — Loeb Classical Libr., Vol. 10, IX, 53-63.

mens amadurecidos, capazes de autodomínio e da liberdade absoluta. Estes sabem abrir mão do que possuem em benefício da coletividade de que são parte; estão dispostos sempre a prestar-lhe os serviços ordenados, faça bom ou mau tempo. Cada essênio vê no trabalho uma bênção para seu corpo e seu espírito. Nenhum há sem ofício. Por isso também nada lhes falta. Só adquirem o que não podem produzir. Sabem passar com o pouco. O que pertence a todos, é de cada um, e vice-versa. Seus laços são os da fraternidade. Desprezam o casamento, porque, no seu conceito, conduz o homem à perda da liberdade individual, escravizando-o aos caprichos da mulher e às exigências do lar. Nem a mulher é capaz de viver segundo os padrões idealizados pela seita” (14).

Flávio Josefo (37-38 a. c. 110 d. C.) reproduz em parte o que disse Filon, porém com mais realismo, pois havia pertencido à seita, talvez como iniciado. Ele mesmo afirma que fôra um dos seus, como também o tinha sido dos saduceus, optando, por último, pela dos fariseus (15). Os textos de Qumrán asseguram-nos, agora, certas realidades que esse historiador demonstra ignorar, ou então, concedamos que as conhecia, mas não as podia revelar. Em todo caso, conta-nos ele que

“os membros da seita eram mais unidos que os das outras. Exercitavam-se na temperança e na autodisciplina. Desdenhavam o matrimônio devido às implicações dêle decorrentes e também porque duvidavam da fidelidade da mulher a seu marido. Recebiam, contudo, os filhos de outros, enquanto maleáveis. Testifica que viviam em comunidade, tendo renunciado às riquezas. Usavam as roupas e o calçado até ao extremo possível, antes de adquirirem novas peças. O alimento, muito simples (16).

Enquanto Filon os calculava em mais de 4.000, Flávio Josefo informa que

“andavam em cêrca de 4.000, vivendo dispersos por grande número de povoações. E se acontecia de algum dêles vir de outra localidade, os confrades proporcionavam-lhe boa acolhida. Por isso nada levavam em viagem, senão uma arma para defesa. Adotavam rigorosa disciplina. Não conversavam, antes de sair o sol, sôbre assuntos de natureza profana, mas, ao invés disso, de-

(14). — Eusébio de Cesaréia, *Preparatio Evangelica*, /VIII, 11, cf. a tradução de K. Cook in *The Fathers of Jesus*, II, 5-8.

(15). — *Life of Josephus*, 2.

(16). — *Guerras dos Judeus*, II, viii.

tinham-se a recitar antigas orações, recebidas dos antepassados, e então cada qual se entregava à tarefa que lhe era designada pelo curador, até cêrca da hora quinta, quando regressavam ao mosteiro. Ato seguido, banhavam-se em água fria, certos de que, cumprindo êste rito, se purificavam cerimonialmente. E só depois disto, metidos numa veste de linho branco, penetram no recinto dedicado às refeições, como se fôra um santuário. A comida consta de pão e de apenas uma espécie de alimento. Todos ficam em silêncio, durante a mesma, e, se por acaso, tomam a palavra, o fazem segundo a ordem hierárquica. Principiam-na sempre e a terminam com uma prece dirigida por um de seus sacerdotes. Acabada, vestem-se, de novo, com as roupas do serviço e retornam ao trabalho, até ao anoitecer. Agora tem lugar a ceia, procedendo-se como no caso do almôço. Havendo hóspede, admitem-no também à refeição. Era-lhes permitido socorrer a enfermôs e a necessitados; não, porém, dar presentes, sem a devida autorização dos curadores. Tinham a sua própria palavra em grande respeito, excluindo, por isso todo juramento. Liam com o maior interesse os escritos dos antigos e estudavam as propriedades curativas de raízes e pedras” (17).

Conta mais, o historiador Flávio Josefo, que

“o candidato não era admitido imediatamente na qualidade de membro da seita. Submetia-se, antes, a três anos de prova. No primeiro davam-lhe uma roupa branca, ensinavam-lhe as regras da comunidade e o uso das águas de purificação, mas ainda não tomava parte nas refeições culturais. Só no fim dos três anos de prova, se considerado apto, o introduziam a todos os privilégios e deveres da Ordem, mediante solene juramento, comprometendo-se, então, a exercitar-se na piedade para com Deus, a ser bom e justo, a respeitar as autoridades, porque nenhum govêrno há que não seja consentido por Deus, a denunciar a mentira, a guardar-se isento do roubo e do ganho ilícito, a conservar inviolável a doutrina e os segredos da seita, ainda que torturado e, de igual modo, a preservar os livros da Ordem. Mas, se algum, dentre êles, cometesse falta grave ou traísse o juramento, excomungavam-no, e o deixavam ao abandono e na penúria, até que se arrependesse. As decisões eram proferidas por uma côrte de cêrca de cem membros. Os guias pertenciam à classe dos anciãos, havendo ainda

(17). — *Guerras dos Judeus*, II, viii, em continuação cf. nossa síntese.

mais três graus, hierárquicamente inferiores, até à classe dos novatos, ou recém-admitidos” (18).

Mais adiante, no mesmo livro e capítulo, Flávio Josefo nos informa quanto às crenças dos essênios dizendo que eles

“criam na corruptibilidade do corpo e na transitoriedade da matéria. A alma, porém, é imortal, se bem que provenha do ar mais sútil. Está confinada no corpo, como em prisão, e à medida que se liberta das limitações e tendências da carne tanto mais feliz ela é. Após a morte maior será a sua recompensa. Daí o seu incentivo à prática da virtude. Os ímpios, ao contrário, padecerão castigo eterno. Alguns dentre os essênios acreditavam possuir a faculdade de prever o futuro, mediante o estudo dos livros santos e de certas purificações. Um ramo permitia o matrimônio” (19).

Na obra, **Antigüidades Judaicas**, o referido autor repete quase que as mesmas informações, mas de modo muito suscito. Um ponto, contudo, merece ser destacado; e é que os essênios

“mandavam para o templo as ofertas dedicadas a Deus, exceto os sacrifícios, os quais, eles próprios, realizavam”, nos locais onde residiam (20).

Os documentos de Qumrân confirmam, em geral, as declarações de Plínio e dos outros escritores. Às vêzes esclarecem-nas, apresentando de modo mais objetivo certos fatos, ensinamentos ou prescrições, dantes um pouco obscuros; outras tantas, surgem com algo inteiramente novo. Senão vejamos. Ambos os textos falam de uma hierarquia entre os essênios. O **Documento de Damasco**, por exemplo, menciona os grupos de mil, de cem, de cinquenta e de dez, sob a chefia de um supervisor ou **mebaquer** (XV, 4; XVI, 1). Os membros em plena conexão são chamados **rabbim**, no **Manual de Disciplina**, que é um termo designativo de honra, respeito, aplicado mais provavelmente para os mentores da seita, em virtude de seu significado: mestre ou instrutor. Concordam quanto à existência dos estágios de iniciação (21) e aos juramentos, mas o **Documento de Damasco** parece indicar que o processo era menos complicado. Uma vez vencidas as provas para a admissão, o novo membro entrava no gôzo de todos os direitos e privilé-

(18). — *Guerras dos Judeus*, III, viii, cf. nossa síntese.

(19). — *Guerras dos Judeus*, II, viii, cf. apanhado que fizemos.

(20). — *Ibidem*, *Antigüidades Judaicas*, XVIII, 1, 5.

(21). — *Manual de Disciplina*, V, 1 a VII, 23.

gios da seita, sendo que o tipo de vida comunitária dos essênios é semelhante, nos textos de Qumrân, à descrita pelos escritores supra (22). Outrossim, êles testificam, igualmente, da importância que davam ao cultivo da piedade, ao decôro nas reuniões (23) e à disciplina. Do rigor para com os faltosos dizem-nos bem algumas passagens do **Manual**, o qual prescreve a proibição do alimento, em determinados casos, ao passo que noutros o castigo é a exclusão para sempre da comunidade (24).

Os textos de Qumrân e Flávio Josefo estão em acôrdo quando apontam como traços específicos o banho e as refeições comunitárias, qüotidianas, dos essênios. Êsse banho é qualificado de “purificação” no **Manual** (25) e no **Documento de Damasco** (26), que corresponde em Flávio Josefo a *αἰνόειρε καθαροί*, mas naqueles documentos não existe um só texto que diga claramente que o tal rito precedia regularmente à refeição. Tanto aquêlo como esta se revestem de caráter sacramental. O **Manual** estabelece normas precisas para a realização da mesma, onde quer que o grupo estivesse: havendo mais de 10 homens, mister se fazia a presença de um sacerdote, cabendo-lhe abençoar os elementos, pão e vinho, antes que iniciassem a comer. (As mulheres não são mencionadas jamais neste documento). Cada qual, à mesa, assenta-se segundo o grau hierárquico, sob a presidência do sacerdote, ao qual, na devida ordem, interrogam a cêrca das questões de seu interêsse (27). O **Documento de Damasco**, porém, não cogita desta refeição comum, o que leva a conjecturar que ela foi introduzida no espaço que o separa do **Manual**. Portanto o **Documento de Damasco** deve ser mais antigo.

Um fato a notar é o silêncio para com as mulheres no **Manual de Disciplina**. Todavia, um documento que se relaciona estreitamente com êle, ou talvez sejam colunas adicionais suas, em poder do Museu Palestinense, menciona explicitamente a mulheres e crianças (28). Por outro lado o **Documento de Damasco** fala de um grupo de homens casados, acompanhados por suas famílias. Não será, por ventura, aquêlo ramo a que Flávio Josefo se referiu nas **Antigüidades Judaicas**? Recordemos, a propósito, que o Padre de Vaux encontrou esqueletos de mulheres no cemitério de Qumrân. E’ razoável admitir-se que os

(22). — Ibidem, *Manual de Disciplina*, VI, 19.

(23). — Ibidem, *Manual de Disciplina*, VI, 8 a 13.

(24). — Ibidem, VIII, 20 a IV, 2.

(25). — Ibidem, V, 13; VI, 16, etc.

(26). — Doc. de Damasco, IX, 21, 23.

(27). — *Manual de Disciplina*, VI, 1 a 6.

(28). — Burrows (M.), *Los Rollos del Mar Muerto*, pág. 238.

essênios tenham mudado de atitude após o que observou Filon Judaeus, permitindo a formação de colônias de famílias ao lado da comunidade cenobítica. O Dr. Burrows escreve:

“E’ possível também que algumas mulheres de evidente santidade foram enterradas no cemitério da ordem ainda que não tivessem sido membros dela” (29).

Há, no entanto, alguns anacronismos a observar. Dá o historiador Flávio Josefo para o noviciado o total de três anos, quando os textos de Qumrân dão apenas dois. Todos os autores antigos, Plínio e os demais, conheceram-nos pelo nome de essênios, que ainda não foi encontrado nos documentos do Mar Morto, pois eles a si mesmos se chamavam “a Nova Aliança”, “filhos da Luz”, e no **Documento de Damasco** também por “filhos de Zadok”, etc. O **Documento de Damasco** opõe algumas restrições à propriedade individual, mas não nega de todo o direito à sua possessão, coisa que o **Manual** contradiz. Como se explicaria, além disso, o caráter militarista do **Manual de Disciplina** e da obra a **Guerra dos filhos da Luz contra os filhos das Trevas**, patenteado, igualmente, pela tôrre de defesa existente no mosteiro? Sem dúvida tal espírito teria caracterizado a Ordem até ao fim do período macabeu, quando se atenuou cada vez mais. Outras inovações poderiam ser apontadas, como, por exemplo, o sacrifício de animais (30). Os documentos de Qumrân silenciam sôbre o caso das raízes e plantas medicinais São inteiramente mudos a respeito de questões que gostaríamos de ver respondidas, mas nem por isso perdem o seu valor. Eles constituem uma demonstração insofismável do interesse **sui generis** dos essênios pela literatura bíblica, conforme Filon e Flávio Josefo haviam declarado. Estudavam-na diariamente, e em especial no sábad. Pensa-se que alguns apócrifos, como o **livro dos Jubileus**, o de **Enoque**, o **Testamento dos Doze Patriarcas** e a **Assunção de Moisés**, foram produzidos em seu meio. Tal apêgo, e bem assim, o juramento de preservá-la, não se acham patenteados pelo encôntro dos referidos documentos nas cavernas do deserto judaico?

Naturalmente ainda não se disse tudo sôbre os essênios. Há, ainda, muito material para ser lido. Quando a tarefa estiver concluída, novas luzes, então, poderão surgir, corrigindo, quem sabe, certos pronunciamentos que ora se fazem.

(29). — *Ibidem*, pág. 238.

(30). — *Cf.* o *Documento de Damasco*, VIII, 12-20.

VI

Os essênios e o Cristianismo.

No século passado levantou-se a hipótese de o Cristianismo ter suas raízes no período que precedeu à era cristã. Renan chamou a atenção para determinados temas caracteristicamente cristãos em escritos apócrifos “intertestamentais” (31). Pretendia-se mesmo ligá-lo aos essênios, coisa difícil de provar, na época, mais do que agora, à falta de documentação. Por isso, além de mal acolhida, a idéia foi combatida.

Não menor celeuma causou há pouco o Prof. Dupont-Sommer, quando, estribando-se em textos de Qumrân, reafirmou a tese da afinidade do Cristianismo com a seita do Mar Morto (26 de maio de 1950). Entre outras coisas declarara que o Mestre galileu era em muitos aspectos, como uma surpreendente reencarnação do Mestre da Justiça, pois como este, Jesus pregara a penitência, a pobreza, a humildade, o amor ao próximo; à sua semelhança sofreu a oposição dos sacerdotes e também sob êles padeceu a morte. Ambos foram os cabeças de uma comunidade. Nas duas há semelhanças de doutrinas e de ritos. A qual delas, então, caberia a prioridade: à Igreja Cristã ou à essênica? A resposta parecia clara para o erudito francês: à mais antiga, e portanto, à do Mestre da Justiça (32). Mas, seria assim mesmo? O próprio Sommer teve depois que ceder um pouco.

Conforme se pode verificar, existem realmente semelhanças. Elas transparecem em quase todo o Novo Testamento. Os essênios conquanto tivessem na Escritura a base de sua religião, tomavam a interpretação dela, pelo Mestre da Justiça, como de inspiração divina, desprezando a tradição. Jesus, de igual sorte, ensinava como tendo autoridade própria, “e não como os escribas” (33). Aquêles tinham-se identificado com o ideal de um Messias Sofredor, consoante as profecias de Isaías (34), de que os textos de Qumrân trazem muitos exemplos. O Novo Testamento aponta para Jesus, encarando-o como tal, havendo João Batista reconhecido n’Ele o “cordeiro de Deus” (35), e Ele mesmo ensinou que Sua missão precípua no mundo era a de dar-Se em sacrifício pelos homens. O Sermão da Montanha e os textos essênicos contêm ensinamentos paralelos. A regra para corrigir o membro faltoso também é parecida: Jesus

(31). — Wilson (E.), *Los Rollos del Mar Muerto*, pág. 105.

(32). — Dupont-Sommer, *The Dead Sea Scrolls. A Preliminary Survey*, pág. 99.

(33). — *Evangelho de Mateus*, VII, 28-29.

(34). — LII, 13 a LIII, 12.

(35). — *Evangelho de João*, I, 36.

instruiu a conversar pessoalmente com o ofensor, mas se êle não quisesse ouvir o ofendido, êste devia levar consigo mais uma ou duas pessoas, e se ainda não desse resultado, o caso devia ser entregue à Igreja. Pois é isto, mais ou menos, que se encontra no **Manual de Disciplina** (36). A Ceia cristã tem impressionado alguns estudiosos, mais, talvez, que outros costumes da Igreja antiga: os elementos usados (pão e vinho), o significado, o modo de efetuá-la, etc. O tipo de vida dos primeiros cristãos, em Jerusalém, tendo tudo em comum, inclusive os bens, reflete, no material e no espiritual, o regime dos essênios. E que diríamos das doutrinas do grande São Paulo? Tanto o apóstolo como os seguidores do Mestre da Justiça desprezam os méritos humanos como meios de salvação. E' Deus quem perdoa as iniquidades do pecador. A justificação é obtida através da fé. Mas enquanto para Paulo o objeto da fé é Cristo, para os essênios ela se concentra na pessoa do fundador da seita e no cumprimento da Lei. Não há nada nos seus textos que fale de uma obra redentora efetuada por seu Chefe, semelhante à que o apóstolo apregou durante seu ministério: Cristo morreu pelos homens, a fim de redimí-los do pecado. Também se tem procurado tirar analogias da linguagem de Paulo com certos escritos de Qumrân. Algumas passagens da epístola aos efésios foram comparadas com outras da **Guerra dos filhos da Luz**..., e assim por diante. E, na verdade, há casos impressionantes. Burrows, que examinou o assunto, admite que todos tenham se inspirado em uma tradição comum: a literatura judaica (37). Nas cartas dos apóstolos Pedro, Tiago e João, e nos Evangelhos, muitos outros exemplos têm sido apontados.

Pergunta-se, agora, em face de tudo: teria o Cristianismo absorvido algo do essenismo, conforme sucedeu no referete ao judaísmo? Sem dúvida isso aconteceu, dizem certos autores. Se não diretamente, tal fato se passou através de um intermediário, que bem poderia ser o inolvidável João Batista. O escritor do **Evangelho de Lucas** informa que êle vivera "nos desertos até ao dia em que se mostrou a Israel" (I, 80), isto é, até quando iniciou seu ministério público. E' viável crer-se, então, que estivesse durante êsse tempo entre os essênios, na qualidade de adotivo, porque segundo vimos em Flávio Josefo, costumavam criar filhos de outros. E mesmo não sendo assim, ser-lhe-ia quase impossível viver ao seu lado sem receber o contágio dêles, acrescenta-se. Aí bem perto, também, nas mar-

(36). — V, 25 a VI, 1.

(37). — Burrows, *op. cit.*, págs. 340-346.

gens do rio Jordão, êle batizou a Jesus Cristo. Houve, portanto, um traço de união, por meio do Batista, o qual estivera identificado com os essênios, de acôrdo com aquelas inferências e por outras razões. João, como os essênios, aguardava a vinda do Messias, anunciando até que era o seu precursor (38). Para ambos, o batismo pouco significava, a não ser que a pessoa estivesse arrependida de suas faltas. E' interessante que os da seita se consideravam "aquêles que se arrependem da transgressão" e membros do "pacto de arrependimento" (39). Há algum paralelismo nos ideais messiânicos de ambos: o julgamento final por meio de fogo, a purificação espiritual do povo de Deus. Mas enquanto João atribui esta obra a Cristo, por intermédio do Espírito Santo, o **Manual de Disciplina** declara que Deus a fará através do "espírito da verdade".

Uma das seguintes razões explica a origem da seita joanina: a) — o Batista pertencia à classe sacerdotal, e dela, por discordância, se teria apartado, como também parece fôra o caso dos essênios; b) — João havia sido membro da seita, abandonando-a quando homem feito, conforme evidenciam algumas diferenças notáveis: êle alimentava-se de mel silvestre e de gafanhotos (40), como se estivesse sujeito ao castigo que impunham aos violadores dos regulamentos da Ordem; êle reconheceu a Jesus como o Messias enviado de Deus, ao passo que os essênios nunca o aceitaram como tal. Além do mais, João Batista não se conformava com o secretismo dêles, e a prova é que êle saiu a pregar ao povo, exercendo um ministério público. O batismo de João era único, o daqueles, não, repetia-se diàriamente. Na seita dêle nada há que se compare à organização do grupo de Qumrân; c) — Ou então, admitir com Millar Burrows que

"o movimento joanino brotou daquela tendência geral do judaísmo de onde se originaram diversas seitas no período que precedeu o Cristianismo e ainda depois do seu comêço" (41).

E que diremos, de maneira mais objetiva, da ligação de Jesus com o Batista? Lembraremos, antes de tudo, que eram parentes pelo lado materno (42). Jesus foi batizado por seu primo, João. Apontou-o logo depois aos seus próprios discípu-

(38). — *Lucas* III, 1-20; *João*, I, 1-34. *Manual de Disciplina*, VIII, 12-14.

(39). — *Documento de Damasco*, II, 3, VI, 1. VIII, 6, IX, 24 e *Manual de Disciplina*, X, 20.

(40). — *Ev. Marcos*, I, 6.

(41). — Burrows (M.), *op. cit.*, pág. 335.

(42). — *Evangelho de Lucas*, I, 36-41, 56.

los como o enviado de Deus, o **agnus Dei** que veio para sofrer em lugar dos pecadores, e quando alguns o abandonaram para seguí-lo, êle disse: “Importa que êle cresça (Jesus) e eu diminua”. Parece, outrossim, que o quarto evangelho, atribuído ao apóstolo João (não o Batista), foi escrito numa região onde prevalecia a influência do Batista, ou dos essênios, através da seita que se originou de João (43), e segundo a tradição foi ali que se escreveu êsse Evangelho, admitindo-se, daí, uma correlação indireta com a seita de Qumrân. Algumas evidências encontradas na literatura joanina, Evangelho e epístolas, parecem confirmar a hipótese. Têrmos e expressões nela empregados, surgem, também, nos textos do Mar Morto, tais como: obras de Deus, luz da vida, filhos da luz, e a designação de “espírito da verdade”, dada ao Paráclito. Além do dualismo revelado nos escritos de Qumrân e nos joaninos, de luz e trevas, verdade e êrro, há no prólogo do Evangelho uma descrição da obra do Logos, que, de igual modo, se acha no **Manual de Disciplina**:

“E por seu conhecimento tudo foi trazido ao ser. E tudo o que é, êle o estabeleceu por seu propósito; e fora dêle nada se fêz” (44).

Por conseguinte, deve-se procurar numa fonte judaica o fundo religioso dessa literatura cristã, e não em outro meio, como se tem feito. Neste caso, o **Evangelho de João** seria dos primeiros, quanto à cronologia.

Outros há que pretenderam, ou pretendem ainda, ver em Jesus um essênio. Em abôno desta sua tese, alegam que êle criticou duramente os fariseus e os saduceus, nunca, porém, os êssenios. Apontam para a semelhança de ensinamentos e de ritos, aos quais dão grande importância, esquecendo-se, no mais das vêzes, que as diferenças são ainda maiores e devem ser levadas em consideração. Por exemplo: os seguidores do Mestre da Justiça tinham, ou tiveram, uma organização militar, coisa inexistente no Cristianismo primitivo. Êles enalteciam o valor da hierarquia. Em geral excluíam a mulher e a olhavam até com menosprêzo, ao passo que os cristãos a admitiam ao seu convívio e a tinham em consideração. Os essênios jamais revelaram o ardor evangelístico demonstrado pelos seguidores de Cristo, interessados antes no seu exclusivismo do que na divulgação de suas crenças. Por isso também não se ca-

(43). — *Atos*, XVIII, 24-26; XIX, 1-7.

(44). — XI, 11.

savam, enquanto que a Igreja considerava o matrimônio digno de tôda a honra. São Paulo disse que a Igreja é a noiva do divino Salvador. Um dos primeiros milagres de Jesus foi nas bodas de Caná da Galiléia (45). Ele foi mais radical do que os essênios na interpretação da Lei. No Sermão da Montanha inculcou aos ouvintes a prática do amor, mesmo para com os inimigos, mas o que se lê no **Manual de Disciplina** é bem o contrário. Os dois sacramentos cristãos também se distinguem dos ritos de Qumrân. Entre êles o batismo era considerado necessário à salvação, mas no Cristianismo era um sinal de arrependimento e de identificação com Jesus, como Redentor e Mestre. A Ceia cristã relembrava o sacrifício vicário do bendito Salvador, anunciava a Sua segunda vinda e punha aos fiéis em união com o Senhor ressurrecto e triunfante. A Igreja estava convicta que Ele vencera o pecado e a morte.

Atrás de tudo, indubitavelmente, houve um fundo comum a essênios, a cristãos e a outras seitas surgidas na Palestina no período pré e post-cristão, o que explica as semelhanças entre elas. Que umas também tenham exercido influência sobre outras, não é improvável. Contudo, o Cristianismo apresenta notáveis marcas de originalidade, não encontradas nas demais, e a prova é que êle se avantajou a tôdas no espaço, no tempo e em número de adeptos.

JOSE' GONÇALVES SALVADOR

Licenciado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(45). — *João*, II, 1-10.

BIBLIOGRAFIA.

- BELL (Maurice). — **Druidas, Heróis e Centauros**. Trad. — Editora Itatiaia Limitada. Belo Horizonte, 1958.
- BURROWS (Millar). — **Los Rollos del Mar Muerto**. Trad. — Fondo de Cultura Economica — México-Buenos Aires. 1958. Existem edições em inglês (original) e francês.
- COLLOQ. de STRASBOURG. — **Les Manuscrits de la Mer Morte**. — Pres. Univ. de France — Paris, 1957.
- CROSS Jr. (Frank Moore). — **The Ancient Library of Qumran and Modern Biblical Studies**. Doubleday & Co., Inc. New York, 1956.
- DANIÉLOU (J.). — **Les Manuscrits de la Mer Morte**. Editions de l'Orante.
- FRITSCH (Charles T.). — **The Qumrân Community**. The Macmillan Co. N. York, 1956.
- GASTER (Theodor H.). — **The Scriptures of the Dead Sea Sect**. Secker & Warburg. Londres, 1957.
- HASTINGS (James). — **Encyclop. of Religion and Ethics**. Vol. V. Charles Scribner's Sons. New York, 1928.
- Journal of Biblical Literature**. Philadelphia 2-Pa., U.S.A.
- DEL MEDICO (H. E.). — **L'énigme des Manuscrits de la Mer Morte**. Librairie Plon. Paris, 1957.
- DUPONT-SOMMER (A.). — **The Dead Sea Scrolls. A Preliminary Survey**. Trad. The Macmillan Co. New York, 1956.
- **The Jewish Sect of Qumran And The Essenes. New Studies on the Dead Sea Scrolls**. The Macmillan Co. N. York, 1956.
- ROWLEY (H. H.). — **The Zadokite Fragments and the Dead Sea Scrolls**. Basil Blackwell. Oxford, 1955.
- WILSON (E.). — **Los Rollos del Mar Muerto**. Trad. Fondo de Cultura Economica. México-Buenos Aires, 1956.